

A Educação Física da mulher no Porto, nos finais do séc. XIX: alguns elementos para a sua história

José Vítor FERREIRA, Manuel BOTELHO
Universidade do Porto, FCDEF
mbotelho@fcdf.up.pt

Resumo: Entre os séc.s XVI e XVIII, a educação começou a ser um vector de preocupação e tão nobre inquietação fez aumentar as aspirações educativas, dado a sociedade ter assegurado a satisfação das suas necessidades mais vitais e o Estado e a Igreja precisarem de quadros para um mundo que marchava a grandes passos para o capitalismo. Como é natural, a mulher beneficiou deste movimento ainda que inicialmente apenas lhe fosse proporcionado um saber incompleto. O desenvolvimento da sociabilidade, pelo mundo então em mudança, vai fazer que às mulheres dos letrados comessem a ser ensinados outros saberes para se igualarem os maridos, de entre os quais se salientavam os que se destinavam a dar graça às suas atitudes e à moderação do seu porte. Com o movimento regenerador do séc. XVIII, que se intensificará no século seguinte, novos olhares serão lançados à mulher, tornando mais importante a sua posição na sociedade e elevou a que houvesse mais preocupação com a sua educação física. Portugal não ficou indiferente a esta cruzada regeneradora. Neste trabalho apresentamos o promotor da educação física da mulher na cidade do Porto nos finais do séc. XIX bem como damos a conhecer as instituições empenhadas nessa tarefa para além das razões que lhe estiveram por trás da sua implantação.

Palavras-chave: educação física, Porto, mulher, séc. XIX.

Entre os sécs. XVI e XVIII, a educação começou a ser um vector de preocupação e tão nobre inquietação fez aumentar as aspirações educativas, dado a sociedade ter assegurado a satisfação das suas necessidades mais vitais e o Estado e a Igreja precisarem de quadros para um mundo que marchava a grandes passos para o capitalismo.

Como é natural, a mulher beneficiou deste movimento ainda que inicialmente apenas lhe fosse proporcionado um saber incompleto.

O desenvolvimento da sociabilidade, pelo mundo então em mudança, vai fazer, contudo, que já, a partir do Renascimento, se comesse a propor às mulheres das camadas mais altas da sociedade, a posse de outros saberes para se igualarem aos maridos, tais como os que se destinavam a dar graça ao seu porte, bem como a aprendizagem de artes recreativas, a dança e a música.

Pretendia-se, como é evidente, com a inclusão destes conhecimentos, formar uma dama de corte que soubesse cantar, dançar e participar nas conversações e nos entretenimentos.

Aos olhos da mulher do nosso tempo, esta restrição parece injusta. Porém, os propósitos nascentes eram modernos, uma vez que se vivia numa época pouco favorável à emancipação da mulher. Os paladinos desta proposta queriam, pois, que a mulher se misturasse com os homens, cantasse, dançasse, se divertisse com eles. Esta conduta, mesmo se ela era unicamente dirigida pela descrição e elegância do gesto, constituía já uma apreensão corporal num mundo, onde a rapariga, nascida rica, não trabalhava e se encontrava confinada, desde a idade da puberdade, aos muros da casa.

Depreende-se, portanto, que o papel da mulher na sociedade começava a tornar-se mais importante e que os homens, em regra geral, não obstaculizavam a sua educação. Isto porque o desenvolvimento da sociabilidade pressupunha que ela tivesse de desempenhar aí uma tarefa, por isso, eles não se opunham a que ela se instruisse e o seu corpo fosse exercitado.

Mas à medida que se caminhava para o fim do séc.XVI e se entrava no séc. XVII , a procura da elegância, da distinção, da graça natural começaram a interditar todo o movimento ou exercício violento, julgado por muito vulgar.

Como se infere, a ociosidade erigir-se-á em valor a alcançar, uma vez que a aristocracia não tinha necessidade de trabalhar, mas somente de fazer notar-se.

Basta olharmos para a iconografia do séc. XVII e veremos a mulher a bordar, fiar, desenhar e aprender música. O seu corpo é um corpo sentado, adornado de rendas e atavios, e os seus contornos não mostram traço de nenhum esforço.

Esta ociosidade, que tornava o homem e a mulher, fracos e delicados, num tempo em que se começava a considerar o homem um “capital produtivo”, inquietou médicos e pedagogos. De entre estes últimos, saliente-se Fleury que, na sua obra “*Traité du choix et de la méthode des études*”, saído a prelo em 1675, criticou não só os homens e as mulheres, que os costumes da época sedentarizavam, provocando-lhes muitas doenças, mas também apresentou uma estratégia com o fito de inverter este estado de coisas.

Racionalista, Fleury concebia a educação como a aprendizagem para a vida e fazia da natureza humana o produto da união inteligente da alma e do corpo, por isso, no seu plano, propunha um modelo educativo onde exaltava a indispensabilidade de se fortalecer o corpo e de se revigorar a alma da criança, no sentido de prepará-la para a sua inserção social futura.

Colige-se, por conseguinte, que ele queria que a Educação Física fosse tida em conta e revalorizada e que ela fosse inserida na higiene quotidiana, para se tornar num hábito salutar.

As denúncias feitas, por este pedagogo racionalista, sobre as lacunas da formação feminina, produziram algum fruto, embora a educação das raparigas continuasse a guiar-se por torná-las boas futuras esposas e mães de família. Exemplo significativo desta influência foi o que se passou na instituição educativa de Saint-Cyr, criada por Luís XIV e Madame Maintenon, em 1686, e que é tida como a primeira tentativa reflectida para dar às raparigas da nobreza pobre uma formação completa (Roche, 1978, p. 3).

Neste centro educativo, mais do que instruir, procurava-se educar. Pretendia-se, pois, inculcar nas raparigas, futuras esposas e mães, as virtudes da submissão e obediência, qualidades primeiras de cristãs, bem como da boa gestão económica da casa. A pedagogia sain-cyriense, como se pode depreender, era antes de tudo uma pedagogia social.

Para alcançar-se estes propósitos educativos, bastava, segundo Madame Maintenon, que as meninas aprendessem um pouco de catecismo, alguns rudimentos de história e de geografia.

Para além destes saberes, os trabalhos manuais eram igualmente indispensáveis, dado darem-lhes uma habilidade manual útil ao equilíbrio orçamental da família e o sentido da economia.

A estas disciplinas, esta educadora, preocupada com a saúde das alunas, juntou o movimento lúdico, uma vez que ela queria “que não se recusasse nada à alma e ao corpo” (Roche, 1978, p. 20).

As actividades ao ar livre, como o correr, saltar e dançar, imunizavam o corpo das doenças e davam às raparigas um ar majestoso e nobre.

Os jogos eram igualmente necessários ao desenvolvimento moral e intelectual das meninas nobres. Através dos divertimentos sociais – provérbios, recitações poéticas e participações em divertimentos edificantes – desenvolviam-se a retórica e a habilidade na conversação. Com os jogos do interior – as damas, o xadrez, o jogo dos pauzinhos, o jogo do ganso, o dominó e o loto – proporcionava-se um repouso à inteligência e à destreza (Ibidem).

Com este universo lúdico, que estava em conformidade com o ideal educativo deste núcleo pedagógico, pretendia-se disciplinar o corpo, desenvolver a reflexão e a razão e permitir o controlo e a vigilância.

Apesar de todos estes esforços regeneradores dos finais de seiscentos, o séc. XVIII vai continuar pouco inclinado ao dispêndio de energias, o que levou a afirmar-se que era devido à extrema fragilidade da mulher que a espécie humana degenerava. Como é lógico, um movimento de vozes se ergueu por toda a Europa a defender o valor do exercício físico, tanto para o homem como para a mulher.

Portugal não ficou indiferente a esta cruzada regeneradora e, nesta campanha, se empenharam, no séc. XIX, médicos, pedagogos e agentes do ensino da Educação Física. Contudo, a tarefa de mudar as mentalidades dos responsáveis pelos colégios, quanto à necessidade das raparigas fazerem exercício físico, não era fácil. Basta atentarmos neste interessante texto escrito, em 1882, pelo médico Nicolau

Felgueiras, formado na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, para vermos qual o estado da educação feminina no Porto e, certamente, em todo o País: "Por ventura a organização d'estas [raparigas] divergirá tão essencialmente da dos rapazes, que o exercício lhes seja prejudicial?

Não: exactamente a mesma necessidade; a necessidade instintiva que impelle os rapazes a saltar e a brincar, domina por igual nas raparigas.

Mas a moda, a avassaladora do bom senso, o romantismo pôdre, anachronico, requentado, umas ideias velhas cheias de theas d'aranhas do parecer bem, insurgem-se contra o robusto desenvolvimento physico de uma mulher.

A saude, que se estampa nas rosas carminadas da face, nas larguras appetecidas dos peitos, no arqueado elastico das ancas, não fica bem a uma senhora. Pertence á mulher do campo. É feio, é grosseiro.

O pallido desmaio do rosto, a peregrina estreiteza do thorax, a atrophica redondeza dos peitos, os apertos immensuraveis da cintura, tudo isto e mais as consequencias, com um pouco de estudo na pose, são o attractivo irresistivel do dandy das sallas, do poeta lôrpa. Sublime!

É necessario, portanto, educar assim a menina. Urge que o sol a não queime, é mister que os ventos a não mofinem.

Fraca e timida a ponto de assustar a presença d'um inoffensivo ratinho, entorpecem-lhe o espirito com indigestões de francez e inglez, ensinam-lhes a harpejar uma walsa ao piano e outras tantas ninharias, deixando-as aptas para tudo menos para serem mães e até boas mães de familia.

E não são aptas para mães, porque quasi sempre pela fraca educação physica que tiveram, se chegam a conceber, os partos ou são impossiveis ou d'uma difficuldade grave.

E não são boas mães de familia porque transmittem naturalmente a educação que receberam aos seus filhos, concorrendo para os enfezar tanto physica como moralmente.

Pois a honrosa missão de mãe não consiste sómente no imperioso dever de lhes ministrar o leite de seus peitos; é urgente que lhes ajudem, ou, pelo menos, não entorpeçam a natureza para um bom desenvolvimento organico e lhes esclareçam o espirito para a lucidez da verdade.

Precisam da vida do corpo e da vida da alma: armas para combaterem e luz para se dirigirem.

Mas... não sei! Parece que a maior parte das preceptoras de meninas estão possuidas d'este erro: - que ao homem repugna a mulher robusta.

Sim é um erro. O homem não idolatrá por certo a mulher de fôrmas parecidas com as suas; mas não é, sem dúvida, o franzinismo artificial, que elle appetite.

Em geral á mulher, por mais forte que pareça, nunca a natureza concede o que prodigaliza ao homem em forças. Ha sempre uma certa differença, que attrahe pela protecção que parece pedir; mas quando esta differença se tornou artificialmente demasiada, em vez da attracção ha repulsão.

Não vêmos, portanto, inconveniente algum em que ás raparigas seja permittido brincar e saltar do mesmo modo que aos rapazes. O lucro é o mesmo" (Felgueiras, 1882, p.35-38).

Um olhar rápido por esta elucidativa descrição mostra-nos, pois, que a moda, o ideal estético, a falta de formação das mães, bem como a sobrevalorização das disciplinas intellectuais eram as responsáveis pela inexistência da Educação Física nas instituições educativas femininas. Para além disso, vê-se que ao exercício não se lhe atribuía só uma função robustecedora do corpo com vista à procriação, mas também já de plena realização da mulher.

A vinda, porém, de Paulo Lauret, de Lisboa para o Porto, por volta de 1882, onde fundou, na cidade invicta, o Ginásio Lauret e Sala de Armas, começou a alterar as mentalidades quanto ao valor do exercício físico. O seu saber, a sua experiência e fama nos domínios da ginástica e esgrima, a dedicação à sua profissão, bem como o apoio dos médicos e outras personalidades e, principalmente, o auxílio, carinhoso e eficaz, dispensado pela imprensa, para além da boa prestação das suas primeiras

classes de ginástica higiênica nos saraus então realizados deram origem à afluência de muitos praticantes ao seu centro de cultura física e à abertura de algumas instituições educativas à ginástica masculina e feminina.

Através de uma memória a relatar a actividade gímnica de Paulo Lauret, entre os anos de 1890-1891, no Porto, pudemos constatar que, neste período, havia 101 mulheres a praticar ginástica, com a frequência de duas vezes por semana. Deste total, 37 eram alunas da Escola Normal do sexo feminino do Porto, 32 do Colégio de N. Sra. da Estrela e uma fazia ginástica particular com este professor (Lauret, 1891, p. 4 e 5).

Mas a sua acção em favor da ginástica não se circunscreveu só à missão docente. Ele publicou um conjunto de obras, o "Manual Theorico-Pratico de Gymnastica para uso dos lycéus, collegios, escolas municipaes e primarias" (1881), o "Guia para o ensino da Gymnastica nas escolas do sexo feminino" (1883), e também um pequeno opúsculo, a "Gymnastica", (1883), que, certamente, ajudaram a mudar as mentalidades do homem e da mulher quanto ao valor do exercício físico e, por isso, se lhe começou a reconhecer maior nobreza e direitos de cidadania.

Poderemos, pois, dizer que só tardiamente as mulheres começaram a ter acesso à prática das mesmas formas de movimento do homem. Se, durante longos anos, à prática do exercício físico pela mulher se lhe atribuía uma função estética e de lhe dar maior robustez para poder gerar filhos, fortes e robustos, nos finais do séc. XIX, começou-se a reconhecer ao exercício físico outras dimensões, como a de contribuir para a melhoria da saúde geral da mulher, o que a ajudaria a realizar-se plenamente na sociedade.

No Porto, os médicos e Paulo Lauret foram os grandes responsáveis por estes novos olhares para com o exercício físico da mulher. Devido às suas influências, a ginástica começou a entrar nas escolas femininas como matéria de ensino e, até mesmo, algumas mulheres começaram a ter aulas particulares desta nobre arte.

Lauret, no seu "Guia para o ensino da Gymnastica nas escolas do sexo feminino", fez um grande esforço no sentido de difundir a "ginástica" junto dos professores a leccionarem noutras instituições para mudar as mentalidades da época em relação à prática da Educação Física pela mulher. E, colocando-nos na época, poderemos compreender a razão deste autor manifestar nesta obra a grande necessidade das raparigas "practicarem gymnastica..." no sentido de obterem robustez física para poderem transmitir à geração seguinte um corpo são e melhorarem a raça humana. Para este autor "a plenitude humana só é conseguida com o desenvolvimento moral, intelectual e físico. A falta de exercício leva ao endurecimento das cartilagens, pelo contrário, a ginástica produz a elasticidade" (Lauret, 1883, p. 2).

Fontes e Bibliografia

Fontes

DIAS, Alfredo. Apontamentos para a reforma e história da Educação Física em Portugal. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1887.

FELGUEIRAS, Nicolau Máximo. Apontamentos sobre Educação Física. Porto: Typographia Occidental, 1882.

LAURET, Paulo. Manual theorico-practico de gymnastica para uso dos lycéus, collegios, escolas municipaes e primarias. Lisboa: Empreza Horas Românticas, 1881.

LAURET, Paulo. Gymnastica. In CORAZZI, David (ed.). Biblioteca do Povo e das Escolas. Lisboa: Empreza Horas Românticas, 1883. Fasc. 24.

LAURET, Paulo. Guia para o ensino da gymnastica nas escolas do sexo feminino. Porto: Editores, 1883.

LAURET, Paulo. Gymnasio Lauret e Sala de Armas. Porto, 1891.

Bibliografia

CONNET, Martine. Uma filha para educar. In DUBY, Georges e PERROT, Michelle (drs.). História das mulheres: Do Renascimento à Idade Moderna. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

HOF, Ulrich Im. La Europa de la Ilustración. Barcelona: Crítica, 1993.

KING, Margaret L.. A mulher no Renascimento. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

LATY, Dominique. Histoire de la gymnastique en Europe. Paris: PUF, 1996.

ROCHE, Daniel. Éducation et Société dans la France du XVIII siècle: L'exemple de la maison royale de Saint-Cyr. Cahier d'histoire. 1978, Tomo XXIII.